

DO FILME À REALIDADE ESCOLAR: REFLEXÕES SOBRE DIFICULDADES DE APRENDIZADO, LEITURA E DISLEXIA A PARTIR DO FILME COMO ESTRELAS NA TERRA, TODA CRIANÇA É ESPECIAL

Veridiana de Souza Guimarães (UNISC)¹

Roseane G. da Silva (UNISC)²

RESUMO

Neste estudo, refletimos sobre as implicações educacionais da dislexia a partir de sua apresentação no filme indiano *Como Estrelas na Terra, Toda Criança é Especial* (2007), dirigido por Aamir Khan. Grosso modo, objetivamos entender essa dificuldade de aprendizagem através das vivências do personagem principal Ishaam Awasthi, um garoto de 9 anos de idade. A criança não é compreendida pelos professores e pais e já repetiu uma vez o terceiro período (no sistema educacional indiano). Como as letras dançam em sua frente (como relata Ishaam), ele não consegue acompanhar as aulas nem focar sua atenção – o que pode resultar em mais uma reprovação. Além de descrevermos algumas cenas da produção fílmica, em que se pode observar, por meio da rotina de Ishaam, suas experiências educacionais dificultadas pela dislexia, embasamos esse trabalho nas contribuições de autores como Rita Signor (2015), Maria Eugênia Ianhez, Maria Angela Nico (2002), Michael Farreall (2008), Stanislas Dehaene (2012) e Sally Shaywitz (2006). Por fim, a partir do filme, é possível perceber os problemas enfrentados pelas crianças e pelos adultos acometidos por esse transtorno específico de aprendizagem, de origem neurobiológica, bem como perceber sua crítica inserção em uma sociedade altamente competitiva e que busca um desempenho que não pode ser atingido por um disléxico. Ao mesmo tempo em que aborda as problemáticas do distúrbio, a película deixa uma mensagem de esperança perante as possíveis estratégias para minimizar os efeitos da dislexia, tornando possível a ascensão de talentos em várias áreas do conhecimento. Além disso, visualizamos a necessidade de uma educação mais atenta e afetiva, que olhe para o aluno.

Palavras-Chave: Leitura. Dificuldades de aprendizado. Dislexia. Como estrelas na terra.

¹ Doutoranda e bolsista Capes do PPG em Letras da Universidade de Santa Cruz do Sul.

² Doutoranda e bolsista Capes do PPG em Letras da Universidade de Santa Cruz do Sul.

INTRODUÇÃO

É na escola que ficam evidentes as potencialidades e as dificuldades de cada sujeito no que se refere à alfabetização. Enquanto para alguns o processo de aprendizagem da leitura parece ser automático, ainda que não o seja, para outros aprendizes o desenvolvimento é mais demorado e árduo. Alguns pais, e até mesmo professores, acreditam, inocentemente, que exista um “clique” para a leitura, um momento mágico em que a criança aprende a ler. Não consideram que o ato de ler seja uma habilidade aprendida e que existam crianças que apresentam maiores dificuldades em aprender.

Percebidas as limitações do estudante em converter os signos escritos em fonemas, iniciam-se os questionamentos, especialmente por parte dos pais. Entre os erros mais comuns por eles cometidos, está o de vincular a dificuldade de leitura da criança com a falta de inteligência ou até mesmo com o pretenso descompromisso com suas atividades escolares.

Enquanto as dúvidas se multiplicam na família, inconscientes de que a incapacidade de ler dos filhos pode estar associada a um transtorno de aprendizagem de origem neurobiológica, com complexas interligações sociais, as respostas se apresentam em um ritmo menor. Por parte dos professores, principalmente por aqueles que não se depararam com essa situação antes, o interrogatório se dirige, principalmente, a sua competência como educadores. Em um primeiro momento, a tendência é que o professor tente resolver o problema sozinho, mesmo sem ter, muitas vezes, a capacitação para tanto.

A dislexia, apontada no século XIX como um problema de origem biológica e estudado pela oftalmologia, passou a ser vista como um fenômeno de origem multicausal, sendo hoje tratada por profissionais de diversos espectros. Drouet (2003, p. 234 apud CARVALHO et. al, 2016, p.6) define a dislexia como

Um conjunto de distúrbios neuropsicológicos apresentados no processo de aprendizagem, relevando-se por dificuldade em leitura e escrita, isto é, em extrair um significado dos sinais gráficos (letras, números, notas musicais), sem que haja um déficit intelectual grave.

A dislexia não é uma doença, mas um modo de funcionamento peculiar do cérebro, que pode se manifestar em qualquer momento da vida do indivíduo, independentemente de oportunidades de escolaridade, das condições socioculturais e da inteligência do indivíduo – que pode, muitas vezes, ser acima da média. Relacionada ao neurodesenvolvimento, a dislexia ocorre em crianças com visão e inteligência normais, e pode afetar habilidades básicas de leitura e escrita. Em outras palavras, o transtorno de aprendizado é caracterizado pela dificuldade em reconhecer as palavras de forma precisa e fluente. As pessoas com dislexia podem também ter limitações ao associar o som à letra, e costumam ainda trocá-las ou mesmo escrevê-las em ordem contrária.

Conscientes de que há um problema, os educadores precisarão encaminhar o estudante para um diagnóstico correto e se o distúrbio for confirmado, a dislexia deverá ser acompanhada por uma equipe interdisciplinar. Sem conhecimentos prévios e mínimos sobre o problema, o professor pode erroneamente associar a dificuldade de leitura a questões comportamentais da criança ou em casos ainda piores, rotular crianças como disléxicas, e que aprenderiam com estratégias educacionais diferentes.

A DISLEXIA E O DISLÉXICO: O QUE DIZEM OS ESPECIALISTAS

No momento em que a criança começa a frequentar a escola, cria-se uma grande expectativa para que comece a ler e a escrever. Certos desse fato, Nunes et. al (2011) ressaltam que a

aprendizagem da leitura e da escrita é uma tarefa complexa, pontuando que “toda a criança encontra alguma dificuldade na aprendizagem da leitura e escrita” (NUNES, et. al 2011, p. 8). Segundo os autores, a leitura e a escrita exigem das crianças novas habilidades que até então não faziam parte de suas vidas. Sobre os desafios da alfabetização, Santos, Nascimento e Júnior (2016) asseveram que “não se pode negar que a leitura é um dos instrumentos fundamentais no processo de aprendizagem e, também por isso, um de seus maiores desafios” (NUNES et. al, 2011, p. 12).

Os autores (2011) consideram ainda que a leitura só se desenvolverá quando os pequenos tiverem em mente que a linguagem falada consiste em palavras e sentenças separadas; e que as palavras e sentenças escritas correspondem a essas unidades da fala. Ao aprender a ler e a escrever, os estudantes necessitam entender uma nova forma de linguagem e desenvolver a consciência fonêmica.

O fonema é a menor unidade sonora que pode afetar o significado de uma palavra. A consciência dos fonemas é importante para a aprendizagem da leitura em um sistema de escrita como o nosso, que é um sistema alfabético, porque as letras do alfabeto representam normalmente os fonemas. Por exemplo, nas palavras “gato” e “pato” temos quatro fonemas, cada um representado por uma única letra; a diferença entre as duas letras iniciais corresponde a uma diferença fonêmica. Se a diferença entre os sons iniciais de gato e pato não fosse uma diferença fonêmica, estaríamos diante de uma só palavra (NUNES et al, 2011, p. 8).

De acordo com Shaywitz (2006), as crianças precisam descobrir que as palavras escritas podem ser segmentadas, divididas em unidades sonoras menores. Conforme a pesquisadora (2016, p. 50), é quando “as letras conectadas aos fonemas passam então a ter sentido e, como Cinderela, transformam-se em algo verdadeiramente espetacular: a linguagem”. Mas ressalta que a leitura não é um processo natural e é ainda um processo mais difícil para uma parcela significativa das crianças que não conseguem desenvolver suas habilidades leitoras. Essa dificuldade compromete não só seu desempenho na etapa em que se encontram, mas pode trazer graves consequências em toda a sua vida escolar, inclusive em termos psicológicos.

Dehaene (2012, p. 254) igualmente caracteriza a dislexia como “uma dificuldade desproporcional de aprendizagem da leitura, que não pode se explicar por um retardo mental nem por um déficit sensorial, nem por um ambiente social ou familiar desfavorecido”. Para Farrell (2008), na definição apresentada na British Psychological Society (1999) “a dislexia é evidente quando a leitura e /ou ortografia fluente e exata das palavras desenvolvem-se de modo incompleto ou com grande dificuldade”.

Ianhez e Nico (2002), por seu turno, apresentam reflexões do neurologista americano Dr. Samuel T. Orton. Para ele, a dislexia é uma dificuldade que ocorre no processo de leitura, escrita, soletração e ortografia, um distúrbio com um conjunto de características específicas. Adicionalmente, Orton (1925 apud IANHEZ; NICO, 2002), destaca as peculiaridades desse transtorno de leitura, mas comete um equívoco ao caracterizá-la.

[A dislexia] Torna-se evidente na época da alfabetização, embora alguns sintomas já estejam presentes em fases anteriores. Apesar da instrução convencional, adequada inteligência e oportunidade sociocultural e ausência de distúrbios cognitivos fundamentais, a criança falha no processo da aquisição da linguagem. A dislexia independe de causas intelectuais, emocionais e culturais. É hereditária e a maior incidência é em meninos na porção de três para um (ou seja, a cada três meninos que nascem com dislexia, apenas uma menina nasce disléxica) (ORTON, 1925 apud IANHEZ; NICO, 2002, p. 21).

A criança, na realidade, não falha em todo o processo de aquisição da linguagem, porquanto desenvolve a linguagem oral, mas apresenta dificuldades na aquisição da leitura. Dehaene (2012) apresenta as particularidades do cérebro de uma criança disléxica. Apesar de a anatomia cerebral apresentar uma aparência normal, Dehaene aponta que o cérebro disléxico está organizado de uma maneira diferente. Segundo ele, os circuitos no lobo temporal esquerdo estão desordenados e, na maioria dos casos, e isso também acontece no circuito fonológico do hemisfério esquerdo. Conforme o neurocientista, a “anatomia do lobo temporal está desorganizada, sua conectividade está alterada, sua ativação no curso da leitura é insuficiente” (DEHAENE, 2012, p. 253). Assim, de acordo com o pesquisador, a partir da caracterização das bases biológicas da dislexia, é possível dizer que algumas regiões do cérebro não são ativadas enquanto o disléxico lê, enquanto outras são superativadas. Acrescenta ainda que “um forte componente genético está implicado e quatro genes de susceptibilidade foram identificados. Suspeita-se que eles afetam o posicionamento dos neurônios do córtex temporal no transcurso da gravidez”. (DEHAENE, 2012, p. 253).

As perturbações da migração neuronal durante o desenvolvimento da gravidez são uma das justificativas para alteração em partes do cérebro.

Sobre os efeitos da dislexia, de acordo com Ianhez e Nico (2002), os disléxicos apresentam o desempenho inconstante em termos de leitura e escrita, demoram na aquisição dessas habilidades, além de apresentarem dificuldade com os sons das palavras e, conseqüentemente, com a sua soletração. A escrita é incorreta, com trocas, omissões, junções e aglutinações de fonemas. O disléxico tem dificuldade em associar os fonemas aos grafemas e tem problemas com a rima (sons iguais no final das palavras) e com a aliteração (sons iguais no início das palavras). Nomear objetos, organizar sequências, nomear direção e fazer associações são percebidas como tarefas de grande complexidade para esses estudantes.

Indivíduos disléxicos apresentam oscilações de aprendizagem: por vezes, parecem ter picos de aprendizagem, alternando com momentos em que parecem ter esquecido tudo o que aprenderam. Diante da complexidade das dificuldades de aprendizagem, o diagnóstico correto é fundamental. Ele deve ser feito logo que as dificuldades se fizerem presentes, liberando as suspeitas dos pais e professores sobre uma deficiência intelectual. “O diagnóstico da dislexia é de exclusão e deve ser feito por uma equipe multidisciplinar, formada por psicólogo, fonoaudiólogo e psicopedagogo” (IANHEZ; NICO, 2002, p. 29). De acordo com os autores, os profissionais devem trocar informações para então confirmar o distúrbio e precisam ter conhecimentos na área de linguagem, o que auxilia na identificação dos problemas recorrentes do disléxico nesse quesito.

Contudo, nem todos os maus leitores são disléxicos, como constata Rita Signor (2015). A pesquisadora afirma que a surdez, as más condições de educação ou mesmo a complexidade das regras de ortografia podem explicar muitas dificuldades para aprender a ler. Para a autora, os “erros” dos aprendizes, longe de serem indícios patológicos, podem revelar a trajetória de apropriação da escrita. A dislexia seria, assim, um distúrbio específico que somente se confirmaria quando todas essas possíveis causas de dificuldades são eliminadas. Sobre a possibilidade do diagnóstico equivocado, Signor teme que ao receber um laudo incorreto, a criança receba uma série de facilitações que a distanciem dos exercícios necessários para a aprendizagem da escrita, o que pode conduzi-la a crer em sua incapacidade e ao não desenvolvimento de seus potenciais escolares.

Ao constatar que o aluno é efetivamente disléxico, a escola e os pais devem encorajar o estudante, solidificando uma relação positiva com a aprendizagem. “É muito importante deixar claro que a criança, que apesar de ser diferente em alguns aspectos, é amada e traz alegria à família”

(IANHEZ E NICO, 2002, p. 108). Apesar de ser um fator de dificuldade nas atividades de leitura e escrita, é preciso utilizar estratégias para que a dislexia não atrapalhe de forma ainda mais expressiva a vida do disléxico. É necessário, portanto, ter em vista que a “dislexia é uma dificuldade e não uma impossibilidade”, como pontuam Ianhez e Nico (2002, p. 135). Dehaene (2012) também evidencia que existem estratégias de aprendizagem para disléxicos mediadas por recursos tecnológicos, como o computador. Além disso, o cérebro, com sua imensa plasticidade e pluripontecialidade aludida por Luria (1975, p. 344 apud FONSECA, 2009), pode adaptar-se, reorganizando a participação de cada uma de suas áreas em diferentes funções, como a leitura. Ser disléxico não é um atestado perpétuo de insucesso escolar. Com a ajuda especializada, a maioria das crianças disléxicas pode aprender a ler, mesmo que em menor velocidade que as outras crianças da mesma idade.

O FILME E OS ENSINAMENTOS DE ISHAAM

Dirigido por Aamir Khan, a produção cinematográfica *Como Estrelas na Terra, Toda criança é Especial*, narra a história de um garoto de 9 anos de idade, o pequeno Ishaam Awasthi. O garoto aparenta rebeldia em suas atitudes, pois não obedece às ordens da mãe, briga com os meninos da vizinhança, afronta os pais e ainda enfrenta as professoras do colégio no qual estuda. Na fase inicial do filme, as personagens que convivem com o menino não desconfiam que por trás do garoto bagunceiro estava uma criança disléxica e com sérias dificuldades de aprendizado. Assim, por meio da indisciplina, Ishaan disfarçava as suas limitações com a leitura, fato que corresponde à realidade de muitos estudantes fora da ficção.

Infeliz com seu fracasso escolar, Ishaam se sentia completo no mundo da imaginação, adorava imaginar histórias e representá-las no papel. Através dos traços e da pintura, o garoto mostrava seu potencial, mas suas habilidades não eram vistas ou valorizadas pelos pais e pela escola. Enquanto o filho caçula da família Ishaam apresenta dificuldades escolares e de relacionamento, o irmão mais velho Yohan se destaca na escola. A comparação automática entre os dois irmãos só piorava a situação.

Os pais dos meninos, Yohan e Ishaam, não se conformam com as atitudes do filho mais novo, visto como o “filho problema” e extremo oposto do primogênito. A indignação do pai e da mãe fica explícita já nas primeiras cenas, quando Ishaan briga com o filho da vizinha e é recriminado pelo pai, que desconsidera o fato de que o menino fora provocado.

Ishaan também é malvisto na escola devido a sua teimosia e petulância. Esse aspecto é destacado quando a professora pede aos alunos que abram seus livros e realizem algumas coordenadas, triviais para outras crianças. Mas enquanto a professora fala, Ishaan apenas olha a paisagem pela janela e exercita a sua imaginação.

Surpreendida pela falta de atitude do garoto, a professora sugere que a marcação dos adjetivos seja realizada em conjunto. Mas prossegue com a ideia de que o menino leia as frases. Como se fosse um pedido de ajuda, Ishaan relata que as letras estão dançando. “- Ah, estão dançando? Então leia as letras dançarinas. Engraçadinho, né? ... Leia em alto e bom som... Leia direito” (KHAN, 2017). Diante da insistência da adulta e da sua dificuldade em juntar as letras e as palavras, o menino não responde e é expulso da sala de aula.

As letras “dançantes” aludidas pelo garoto são, na realidade, um dos muitos sinais de dislexia. A frustração vivida por Ishaan é recorrente na vida do disléxico, já que, de um lado, há a cobrança da escola e dos pais e, do outro, as limitações provocadas pelo distúrbio – que muitas vezes, são desconhecidas pelo indivíduo. No filme, em meio à pressão da sala de aula e à falta de sensibilidade

da professora, só resta ao menino traduzir as letras dançarinas como um blábláblá sem sentido, porque é isso que está diante de seus olhos.

Depois da humilhação vivida na aula de hindi, Ishaan depara-se com a aula de matemática onde também vê uma dança sem sentido, só que agora com os números. Como afirma Shaywitz (2006), a dislexia nada tem a ver com a vontade da criança. O ato de ler, que parece natural para os outros alunos, é algo que está além do alcance do disléxico. No filme, o personagem principal se sente ainda mais acuado na aula de matemática e então resolve fugir da escola. O ato de “matar a aula” é visto como um momento de liberdade para ele e fuga de suas limitações mal compreendidas.

Além das cobranças externas, a falta de conhecimento dos pais pode atrapalhar a vida da criança disléxica, como destacam por Ianhez e Nico (2002). Na produção fílmica, Khan (2017) reforça a ideia dos teóricos já citados através da fala da mãe de Ishaan. Enquanto auxiliava o filho nas tarefas escolares, a mãe questiona-o sobre a sua falta de concentração, mas não percebe que essa dificuldade pode não ser de origem comportamental.

As malcriações do garoto e as continuadas notas baixas levam à decisão extrema dos pais: matricular o filho caçula em um internato. Com a filosofia de "disciplinar cavalos selvagens", o local fez com que o garoto se desinteressasse ainda mais pelos estudos. Em resposta ao caos em que vive na nova escola, o disléxico isola-se do mundo. A humilhação que sofre por parte dos professores que ambicionam preparar os estudantes para um “mundo altamente competitivo” é tamanha que Ishaan não insulta mais, não brinca, nem pinta ou desenha. Deslocado, não vê sentido em mais nada, passa a viver de cabeça baixa. A opressão escolar é representada de maneira muito intensa por meio dos xingamentos ouvidos pelo menino e que se repetem em sua memória: “Por que não consegue? Idiota. Por que não consegue? Qual é o problema? Por que é tão burro? Por que zeros em matemática e castigos todos os dias?” (KHAN, 2017).

Diante do fracasso extremo do menino em todas as disciplinas, surge um professor substituto de Artes. Com certa experiência em educação especial, o educador percebe que Ishaan precisa de ajuda. A vinda desse educador foi de extrema importância para o menino, o que vai ao encontro de Ianhez e Nico (2002) que ressaltam a importância dos professores no diagnóstico da dislexia. Por meio de uma metodologia inovadora para os padrões convencionais da escola e com muita motivação, o educador consegue mobilizar o grupo a respeito das diferenças que existem em sala de aula. Trabalha para que todos os estudantes possam desenvolver suas habilidades, inclusive Ishaan. Esse aluno, em especial, recebe atenção redobrada e sua autoestima passa a ser, aos poucos, resgatada. O respeito e a atenção do professor fizeram com que o menino disléxico, apesar de suas dificuldades, tivesse melhor aproveitamento escolar. As letras dançarinas iam diminuindo o seu ritmo com o passar do tempo.

POR UMA METODOLOGIA DE ENSINO DIFERENCIADA

Diante das dificuldades enfrentadas por Ishaan, o professor não só foi capaz de identificar o problema, porque ele próprio o enfrentava desde o início de sua infância, mas também estava preparado para utilizar uma metodologia de ensino diferenciada, que oportunizasse ao estudante o desenvolvimento máximo de suas potencialidades respeitando, ainda assim, suas limitações. É necessário, portanto, que o educador – em especial, o professor especializado no ensino de linguagens – tenha os conhecimentos necessários para identificar a possibilidade de um estudante ter algum transtorno de aprendizagem, mas o diagnóstico da dislexia não é de sua responsabilidade. Enquanto transtorno constitutivo, de origem genética, hereditária e neurológica, relacionado a uma deficiência

no processamento fonológico, como pontuam Tabaquim et. al (2016), o diagnóstico preciso necessita de uma análise criteriosa, por uma equipe multidisciplinar, que descarte sintomas relacionados a outros problemas.

No filme, o professor Nikumbh acaba por “descobrir” sozinho, através da identificação de sintomas e comportamentos associados à dislexia, o transtorno que afeta o estudante, o que é retratado de forma bastante romantizada, pois associa essa constatação com a trajetória escolar do professor, que era igualmente dislético. Em certa medida, compor a descoberta do problema de Ishaan e as tentativas de conscientização dos pais do menino sobre o problema na figura do professor de artes – que era, inclusive, um substituto – compõe a imagem, constante em filmes que abordam questões relacionadas à educação, do “professor herói”, o abnegado profissional capaz de salvar e transformar vidas. A realidade escolar, contudo, não comporta heróis imbatíveis, mas profissionais passíveis de erros, com formação nem sempre adequada e que necessitam, não somente de informações, mas de condições e materiais necessários à concepção de aulas adequadas e de tempo para dedicar a alunos com necessidades especiais ou transtornos de aprendizagem. Além disso, também o profissional de educação necessita do amparo e confiança da instituição em que trabalha.

Como vimos no filme, o desenvolvimento das habilidades de leitura de um estudante dislético é lento, e necessita de um acompanhamento individual por parte do professor. Na película, esse acompanhamento é feito pelo próprio educador. Contudo, no contexto real das salas de aula, um professor dificilmente conseguiria desenvolver este trabalho ao mesmo tempo em que precisa lecionar para os demais estudantes. Uma das alternativas para solucionar esse problema estaria no trabalho de monitores de aprendizagem em horário escolar e, em âmbito clínico, e, após um diagnóstico específico de dislexia, o tratamento de uma fonoaudióloga ou profissional especializado no transtorno, como psicólogos e psicopedagogos.

Rita Signor (2015) questiona os critérios usuais para diagnosticar a dislexia. Para a fonoaudióloga, uma perspectiva puramente organicista, que relaciona o transtorno ao funcionamento neurológico sem considerar outras razões que podem estar associadas à aprendizagem da criança, é problemática e pode interferir seriamente no tratamento. Ao apresentar o estudo de caso de uma menina de dez anos, apontada como dislética por seus professores, a terapeuta adota o viés sociointeracionista, em que

o sujeito não é reduzido a um organismo ou a um cérebro apartado das suas inserções socioculturais. Considera-se que os sujeitos são multifacetados, pois constituídos em múltiplas dimensões, atravessados por suas interações sociais e, desse modo, é necessário avaliar em profundidade a qualidade das interações sociais pelas quais a criança está submetida para que se faça um diagnóstico preciso do que pode estar dificultando o processo da escolaridade (SIGNOR, 2015, p. 973).

No estudo de caso, a terapeuta investiga o passado familiar da paciente, sua trajetória escolar em escolas públicas, buscando avaliar suas interações sociais e a existência de traumas decorrentes de suas relações. Avalia sua capacidade de fala e escuta, que considera normais e, finalmente, suas produções escritas e atividades de leitura, desenvolvidas ao longo das sessões de atendimento clínico.

Signor (2015) constata que o passado de reprovações e recriminações por parte dos educadores diminuiu a autoestima da menina e a estudante se considera incapaz de quaisquer avanços, encarando as atividades escolares como obrigações das quais deseja se livrar. Ao mesmo tempo, a terapeuta compila os erros e trocas de letras que seguem um padrão compatível com os problemas de escrita dos disléticos: escrita irregular, problemas de decodificação, hipercorreção, omissão e transposição

de letras, múltiplas hipóteses de escrita para a mesma palavra – o que denota o não reconhecimento de letras, troca de letras visualmente semelhantes, entre outros aspectos. Nesse sentido, o filme se aproxima bastante dos procedimentos adotados pela terapeuta, já que o educador também identifica uma série de elementos recorrentes na escrita de Ishaan que constituem o padrão de “erros” dos disléxicos.

Nikumbh desenvolve um trabalho individual com Ishaan. De forma análoga à terapeuta, conduz igualmente as atividades de leitura e escrita em um ambiente significativo, valorizando as produções escritas do estudante, conduzindo com paciência atividades de leitura a fim de resgatar sua autoconfiança perdida. O educador passa a ensinar de forma sistemática as letras para o estudante, dando ênfase a sua sonoridade, desenvolvendo atividades de escrita em superfícies diversas, o que estimula a apreensão das formas das letras por meio do tato e do contato com materiais variados, como a areia. As provas orais passam a ser um dos instrumentos de avaliação utilizados com Ishaan, que também desenvolve os conhecimentos matemáticos com o professor, aprendendo, pouco a pouco, o sentido dos algarismos numéricos por meio de objetos que conferem a concretude que o disléxico necessita para vislumbrar significado na abstração matemática. O menino também passa a aprender técnicas para lidar com situações em que suas dificuldades aflorem – como os momentos em que deverá seguir ordens múltiplas, calcular a velocidade de objetos, como uma bola que dele se aproxima e com tarefas simples, como amarrar cadarços ou dar nós em barbantes.

Assim como Rubino (2011), Signor (2015) concorda que a mera “observação clínica de um mau desempenho em tarefas de consciência fonológica, aliada à exclusão dos fatores já citados [...] não é suficiente para que se emita esse diagnóstico” [de dislexia] (apud SIGNOR, 2015, p. 993). Isso porque esse tipo de diagnóstico desresponsabiliza os adultos no desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita do estudante disléxico. Como pudemos observar tanto no filme quanto no estudo de caso apresentado pela terapeuta, a consciência fonológica melhora à medida em que os aprendizes avançam no processo de alfabetização e letramento com metodologias adequadas. A dislexia não tem cura, mas o estudante disléxico tem potencial para melhorar seu desempenho, superar as dificuldades com auxílio especializado dos adultos e progredir em sua trajetória escolar. Para oportunizar esse aprendizado, que é direito garantido legalmente para todos os estudantes, incluindo aqueles que possuem dificuldades e transtornos relacionados à aprendizagem, é preciso fazer adaptações e utilizar metodologias como aquelas apresentadas no filme e indicadas por profissionais.

Há que se salientar ainda que o diagnóstico na perspectiva sociointeracionista defendido pela terapeuta ocorre não com foco nos resultados – nas produções de escrita prontas, previamente produzidas pela estudante –, mas no seu processo de desenvolvimento de leitura e escrita. No estudo de caso de Signor, os textos foram avaliados em momentos diferentes, após oferecer à estudante novas oportunidades para que ressignificasse suas experiências de escrita. Assim, a terapeuta relia os textos com a menina, pedindo que explicasse pontos nebulosos e os reescrevesse, não como punição, mas para que seu discurso fosse compreensível aos seus leitores, que se deparariam com os textos por ela produzidos em um blog. A escrita proposta pela terapeuta assume novo significado – não é atividade enfadonha e dolorosa, mas é expressão subjetiva da menina que pode ser lida por outras crianças na internet. Mary percebe que a escrita tem um significado, uma função social. Juntamente com as atividades de leitura compartilhadas desenvolvidas na clínica, ler e escrever passam a integrar a vida de Mary, que começa a fazer essas atividades em casa, sem que isso lhe seja imposto. Apesar de seus avanços em leitura e escrita serem evidentes, o acompanhamento clínico deve permanecer, garantindo

seu desenvolvimento escolar, bastante prejudicado pelos anos de enfrentamento solitário do distúrbio e pela ineficácia de seus antigos professores.

Ishaan também avança de forma significativa na escola. Superando suas dificuldades em leitura e escrita, o menino consegue aprender os conteúdos de todas as disciplinas e volta a investir seu tempo na área em que apresenta suas maiores habilidades, as artes. Sua autoestima é restabelecida e o garoto, que havia parado de fazer o que mais gostava, volta a desenhar e vence o concurso de desenho promovido por sua escola. O desempenho finalmente satisfatório de Ishaan surpreende aos pais, habituados aos insucessos do filho. Os rótulos muitas vezes impostos aos disléxicos – pouco inteligentes, desmotivados, impertinentes, desajustados – marcam uma postura opressiva e violenta ainda recorrente em sociedades constituídas por frágeis estruturas de cidadania e democracia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um diagnóstico correto, designado por equipe multidisciplinar e direcionada por uma ótica sociointeracionista que considera não somente os aspectos neurofisiológicos do desenvolvimento infantil, mas as interações e aspectos emocionais dos sujeitos, constitui um dos primeiros passos em direção ao desenvolvimento das potencialidades intelectuais das crianças disléxicas. O tratamento de estudantes com dislexia deveria ser pautado em sua progressão nas atividades de leitura e escrita, oportunizada por um atendimento individualizado, calcado em métodos que estimulem a consciência fonológica, a apreensão dos sentidos de letras e algarismos matemáticos, além da superação dos diversos equívocos que caracterizam o distúrbio.

O laudo que comprova o problema não é um documento que assinala a rotulação do disléxico como sujeito incapaz de progredir na escola. A dislexia não é um ponto final, impeditivo para o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita. Cabe aos educadores identificar os primeiros sinais da dificuldade e solicitar encaminhamento do estudante para análise especializada do caso. Com a confirmação do diagnóstico, tanto a escola quanto os professores devem se mobilizar no sentido de traçar estratégias e adaptar metodologias para o ensino do estudante disléxico.

Ao contrário do que é retratado no filme, este é um trabalho conjunto e não uma tarefa individual de um abnegado professor. É necessário, portanto, que todos os educadores estejam engajados em fortalecer a autoestima do estudante e fazer as adaptações necessárias para possibilitar seu aprendizado. A afetividade é outro componente importante a ser considerado. A humilhação e o medo, representados no filme pelo uso da palmatória, não são recursos eficazes para o ensino nem de leitores eficientes, muito menos para estudantes que são incapazes de reconhecer as letras.

Utilizar o argumento de que é preciso preparar os estudantes para um mundo difícil e calcado na competitividade para justificar uma educação baseada na opressão, aumenta a distância entre leitores proficientes e disléxicos. O objetivo mais básico da educação, democratizar o acesso ao conhecimento para formar cidadãos capazes não só de prover recursos financeiros para a própria subsistência, mas de refletir e ser conscientes sobre seu papel na sociedade como um todo, não pode ser alcançado por uma educação repressora e segregadora. Como bem lembra Nikumbh, essa educação opressora “seca a planta”, drena as potencialidades do sujeito. De forma análoga, valorizar certos saberes e potencialidades dos sujeitos – nos esportes e na matemática, por exemplo, e outras áreas do conhecimento relacionadas ao que é rentável financeiramente ou prestigiado socialmente – em detrimento de outros saberes, ligados à dimensão subjetiva dos sujeitos e pouco reconhecidos a nível social, por serem considerados irrelevantes e não atrativos financeiramente – como as artes e conhecimentos oriundos das Ciências Humanas em geral – é bastante problemático.

Uma sociedade que prescinde da sua dimensão estética e artística, prestigiando apenas o que é produtivo, eficiente, rentável é uma sociedade que esqueceu sua dimensão humana, e que não é, de fato, uma sociedade democrática. Essa sociedade é representada pelo olhar frio do pai de Ishaan, para quem o potencial artístico do filho não tem nenhum significado, diante dos prêmios do filho mais velho nas quadras de Tênis e por seu alto rendimento escolar. Urge que uma mudança dessa postura seja possível, não somente nas telas de cinema, mas que possa transpor a ficção em benefício de milhares de estudantes disléxicos e portadores de outras dificuldades de leitura.

REFERÊNCIAS

- CARVALHO, Galane Melo Freire de, et. al. **Dislexia**: análise de distúrbio de aprendizagem de uma criança. Disponível em: < https://portal.fslf.edu.br/wp-content/uploads/2016/12/Dislexia_analise_de_disturbio_da_aprendizagem_de_uma_crian.pdf>. Acesso em: 23 set. 2021.
- DEHAENE, Stanislas. **Os neurônios da leitura**: como a ciência explica a nossa capacidade de ler. Porto Alegre: Penso, 2012.
- FARRELL, Michael. **Dislexia e outras dificuldades de aprendizagem específicas**: guia do professor. Tradução Maria Adriana Veríssimo Veronese. Porto Alegre: Artmed: 2008.
- FONSECA, Vitor. Dislexia, cognição e aprendizagem: uma abordagem neuropsicológica das dificuldades de aprendizagem da leitura. In: **Revista Psicopedagogia**. v. 26, n. 81. Disponível em: < http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010384862009000300002>. Acesso em: 22 set. 2021.
- IANHEZ, Maria Eugênia; NICO; Maria Eugênia. **Nem sempre é o que parece**: Como enfrentar a dislexia e os fracassos. São Paulo: Alegro, 2002.
- KHAN, Aamir. FILME Como Estrelas na Terra, Toda Criança é Especial. 2007. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=6rxSS46Fwk4>>. Acesso em 28 set. 2020.
- NUNES, Terezinha; BUARQUE, Lair; BRYANT, Peter. **Dificuldades na aprendizagem da leitura**: Teoria e prática. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2011
- SANTOS, Letícia Adriana Pires Ferreira; NASCIMENTO, Suelene Silva Oliveira; JÚNIOR, Carlos Manta Pinto de Araújo. Modelos cognitivos idealizados de leitura: um estudo empírico exploratório. In: GABRIEL, Rosângela; PELOSI, Ana Cristina. **Linguagem e cognição**: Emergência e produção de sentidos. Florianópolis: Insular, 2016.
- SHAYWITZ, Sally. **Entendendo a Dislexia**: um novo e complexo programa para todos os níveis de problemas de leitura. Tradução: Vinicius Figueira. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- SIGNOR, Rita. *Dislexia*: uma análise histórica e social. **Revista brasileira de Linguística Aplicada** [online]. 2015, vol.15, n.4, pp.971-999. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1984-63982015000400971&lng=en&nrm=iso&tlng=pt. Obtido em: 21 ago. 2020.
- TABAQUIM, Maria de Lourdes Merighi et. al. Concepções de professores do ensino fundamental sobre dislexia do desenvolvimento. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos** [online]. 2016, vol.97, n.245, pp.131-146. Disponível em: < <https://www.scielo.br/pdf/rbeped/v97n245/2176-6681-rbeped-97-245-00131.pdf>>. Obtido em: 02 out. 2020.